

## **A POBREZA BRASILEIRA DE ACORDO COM A CUFA: Os rostos dos que vivem em periferia**

Rodrigo Slama Ribas (UFRN)  
rodrigo\_slama@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

O sistema econômico que rege o mundo e a maioria dos países é o capitalismo. O consumo, neste sistema, é estimulado ao máximo. A cada via, novidades tecnológicas são lançadas e nós, mesmo sem termos necessidade, acabamos substituindo aparelhos novos por aparelho mais novos ainda.

Pela aceitação social, pensamos em trocar de carro, ter uma TV e um celular de última geração, mas há os que não se importam ou não se permitem importar por isso. Há pessoas que não se preocupam com a aparência, o conforto ou com a realização pessoal. Os que vivem em situação de pobreza extrema se preocupam apenas com uma coisa: a sua alimentação e a sua sobrevivência.

Pensando nisso, nos últimos anos, o governo federal tem investido em programas de transferência de renda para tentar amenizar a situação da milhões de pessoas que passam fome no Brasil. Com esta ascensão, houve um aumento significativo na classe média. Segundo dados oficiais e mídia especializada (BCB, 2014; PARAGUAÇU, 2014), 37 milhões de pessoas saíram da pobreza e entraram na chamada classe C, entre 2013 e 2010, durante o governo Lula, foram 32 milhões (SAE, 2014). Esta nova classe média hoje não passa mais fome, mas, apesar disso, mantém preocupações com a sua sobrevivência, e sobreviver no capitalismo significa ter uma boa qualidade de vida, ter reconhecimento social.

Dito isto, este trabalho, parte de dissertação de mestrado, intitulada *OS ROSTOS DA POBREZA BRASILEIRA: ANÁLISE CRÍTICA DOS DISCURSOS DO GOVERNO FEDERAL, DA VEJA E DA CUFA*, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, em janeiro de 2014, pretendo, aqui, trazer à luz uma discussão acerca da identidade dos que vivem em situação de vulnerabilidade social de acordo com a Central Única das Favelas, doravante CUFA. Busco, com isto, refletir sobre o discurso acerca da pobreza e contribuir para que, dentro das limitações da pesquisa, possamos entender um pouco melhor as idiosincrasias sociais elucidadas pela linguagem e traçar estratégias para a amenização destes problemas.

Para tanto, este trabalho vale-se do escopo teórico da Análise Crítica do Discurso, ACD, na vertente desenvolvida por Cleide Faye Pedrosa (2012a, 2012b); além dos estudos sociológicos de Bajoit (2006) que fomentaram a criação das categorias utilizadas em nossa dissertação para os *Rostos da Pobreza*. Ademais, as análises se valem da Linguística Sistêmico-Funcional, presente em Vian Jr. (2011) como aporte às análises da materialidade linguística, ponto de partida para as análises sociais desenvolvidas para a dissertação e, conseqüentemente, para este trabalho.

### **1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Surgida na década de 1980, oficialmente, a ACD carrega a bandeira da análise social textualmente orientada, posto que discurso é entendido como “elemento integrante do mundo social, constituindo esse mundo, além de ser constituído por ele”

(MAGALHÃES, 2001, p. 28). Esta concepção de discurso, imbricado à prática social, faz com que ele seja um instrumento de mudança social.

Um dos elementos que possibilitaram a emergência da ACD foi a observação de que, em todas as sociedades, as relações de poder são assimétricas e esse poder é exercido de diversas maneiras e com diversas finalidades por diversos sujeitos sociais. A existência de relações assimétricas é uma característica do funcionamento social e, nesse sentido, vale lembrarmos-nos de que o poder faz parte da estrutura e do funcionamento sociais e, assim sendo, devemos considerá-lo como intrínseco, indissociável ao discurso. Portanto, considerar a articulação do poder nas análises é prerrogativa da ACD. Ademais, o poder nas sociedades não é essencialmente bom ou ruim, o problema social relativo ao poder se dá quando atores sociais o utilizam de forma abusiva. Por esse motivo, ACD se ocupa em analisar

as relações de dominação, discriminação, poder e controle, tal como se manifestam através da linguagem. Em outras palavras, a ACD se propõe a investigar de forma crítica a desigualdade social tal como é expressa, marcada, constituída, legitimada etc. pelos usos da linguagem (WODAK, 2003, p.19, Tradução Nossa).

Assim, entendo que os analistas do discurso não são meramente pesquisadores; são sujeitos engajados na malha social que, com seu trabalho analítico, buscam uma mudança social, uma reestruturação das relações de poder na sociedade. Esta característica fomenta suas propostas e perspectivas de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos com a análise que fazem.

Fairclough (2008) diz que a ACD é uma disciplina multidisciplinar e, ainda, que “toda oração é multifuncional e, assim, toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais” (idem, p. 104). O autor defende, ainda, que o texto transmite significado, mas, como a palavra, não significa sozinho, pois precisa estar incluso em uma “situação de enunciação” que determina as relações entre locutor, texto (ideologia) e locutor.

Deste modo, concebe-se que o discurso é “moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91). Portanto, para compreendermos a nossa sociedade e, com isso, ajudar a reformular ou indicar um caminho para que ela seja mais igualitária, é necessário, antes de mais nada, compreender os discursos que circulam nos diversos meios sociais e carregam diversas ideologias, diversas significações de mundo, sob várias formas de poder que influenciam de forma determinante as questões identitárias, tanto coletivas quanto individuais. Nesse sentido, a investigação dos discursos sociais não se dá meramente para apontar semelhanças e diferenças entre este ou aquele discurso, mas para se compreender a própria estrutura e funcionamento da sociedade e de seus sujeitos sociais que estão presentificados na produção discursiva desta sociedade.

Por esta razão que a ACD, basicamente e independente da linha, se ocupa em

analisar se são opacas ou transparentes as relações de dominação, discriminação, poder e controle, tal como se manifestam através da linguagem. Em outras palavras, a ACD se propõe a investigar de forma crítica a desigualdade social tal como é expressa, marcada, constituída, legitimada etc. pelos usos da linguagem (WODAK, 2003, p.19 – Tradução Nossa).

Percebe-se, portanto, que mais do que enxergar questões linguísticas, a ACD tem sua preocupação maior com os problemas sociais, com temas que vão desde a

discussão sobre o combate à pobreza; as manifestações sociais, como o feminismo e movimentos sociais que reivindicam reforma agrária; até as questões identitárias, mais precisamente sobre a fragmentação da identidade na pós-modernidade. Sua investigação não se exime de buscar também outros assuntos que necessitam de maior investigação e compreensão, não só por parte do poder público e da sociedade civil organizada, mas da própria Academia, que independente da ciência ou da disciplina, tem se voltado cada vez mais para os problemas sociais.

Por esta razão, a ACD não é só interessada *no que é dito*, mas *no porquê* e *no como* e *onde*, pois entende que esses elementos produzem significados e é imprescindível que sejam claros os efeitos que um texto causa (ou pode causar) no interlocutor, que mudanças o discurso propõe, causa, vem causando ou pode causar na vida das pessoas e nas relações de poder da sociedade.

Na sociedade moderna tardia, na forma como os sujeitos e atores sociais se imiscuem nas relações e papéis sociais que moldam a própria estrutura e funcionamento da sociedade, as elites hegemônicas dominam as classes desfavorecidas, já que têm o discurso mais forte e detêm certo poder de persuasão permeado de aspectos tanto pessoais, pelas posições, quanto de aparatos tecnológicos e científicos que têm à sua disposição para veicular seus propósitos e pensamentos.

São essas as razões que nos levam a defender que é de suma importância que o analista se posicione politicamente, que deixe claro o lado em que se encontra, ou seja, os pesquisadores filiados aos Estudos Críticos do Discurso

não são ‘neutros’, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade. Enquanto muitas pesquisas sociais ‘neutras’ podem ter uma posição social, política ou ideológica implícita (ou, de fato, negar que tomam essa posição, o que obviamente é também uma tomada de posição), estudiosos dos ECD reconhecem e refletem sobre seus próprios compromissos com a pesquisa e sobre a posição na sociedade (Van Dijk, 2008, p. 15-16).

Os estudos da professora Cleide Emília Faye Pedrosa (2012a, 2012b) possibilitaram a emergência da corrente de ACD brasileira denominada ASCD, que se apresenta como uma corrente da ACD que traz nova proposta para classificação do sujeito. No escopo da ACD, a ASCD se apresenta, de acordo com Pedrosa (2012b), como uma abordagem brasileira que dialoga com as outras abordagens da ACD e outras áreas do conhecimento por ser, também, transdisciplinar. Aqui, ainda, é importante fazer uma pequena ressalva: apesar de dialogar com frequência, a ASCD não pode ser confundida com a abordagem de Norman Fairclough ([1992] 2008, 2006), haja vista a corrente brasileira beber em outras fontes além da britânica, fato que, por si só, já estabelece diferenças epistemológicas, como o entendimento sobre o indivíduo, sujeito e ator; além dos caminhos os quais devem percorrer as análises.

Mesmo havendo diferenças analíticas mais pontuais, a ASCD e as demais propostas em ACD têm seus pontos em comum. De Fairclough e sua proposta feita juntamente com Chouliaraki, em Chouliaraki & Fairclough (1999), a ASCD se apropria da perspectiva de ser ao mesmo tempo uma teoria e um método, conforme explicitado em Pedrosa (2012a, 2012b), e se filia aos conceitos de evento social, prática social e estrutura social propostos pelo britânico como elementos constitutivos da sociedade e que são mediados pela linguagem e, portanto, passíveis de serem analisados discursivamente. Nesse sentido, ambas enfatizam o lugar da linguagem – e do discurso – nas relações sociais e a sua importância como parte de processos de mudança social.

A ASCD, portanto, dá uma grande importância ao sujeito, que é visto como capaz de transformar a si mesmo através da “gestão relacional de si” (BAJOIT, 2006b), e também o seu meio por intermédio da influência das pessoas que vivem nele. Evidentemente, a intensidade da mudança do meio e das pessoas que nele habitam está diretamente relacionada com o poder que este sujeito – ou esse ator ou agente social – possui.

### 3 Metodologia

Para este trabalho, recorrerei à dissertação a qual foi defendida pela UFRN e já citada para resgatar o discurso sobre o pobre proferido pela CUFA. Foram, na ocasião, analisados textos colhidos em blogs e sites da CUFA de diferentes regiões do país. Os textos são: CUFA 01: *Jovens da cidade velha fazem oficina para DJ's*; CUFA: 02 *O curso de Auxiliar Administrativo promovido pela CUFA Riachão se estenderá até o mês fevereiro*; CUFA: 03 *O Desafio do Desenvolvimento do DF*; e CUFA 04: *Villa Todavia promove cinema na rua todo sábado, no bairro de São João Del Rey*.

A colheita do material se deu durante um recorte temático de seis meses, o primeiro semestre de 2012. Para a realização do trabalho, foram inúmeros diversos livros, de diversos blogs e sites da CUFA no Brasil para que, a partir desta primeira leitura prévia, elencar, de acordo com os objetivos da dissertação, quatro textos que representassem o discurso da CUFA acerca dos que vivem em situação de pobreza.

Os textos completos podem ser encontrados na rede mundial de computadores através das referências. Em caso de citação aparecerá o número do texto – CUFA 01, 02, 03 e 04<sup>1</sup> –, bem como o número das linhas analisadas, pois todos os textos têm o mesmo ano, 2012.

As análises partem, como apontado no tópico de explanação da teoria, da materialidade linguística até a análise social, que é o foco da ACD. A seguir, o pobre segundo a CUFA de acordo com as categorias criadas para o desenvolvimento do trabalho tendo como base *Os rostos da pobreza* (BAJOIT, 2006a), as categorias macro, de Bajoit (*op. cit*) aparecerão em negrito, com a primeira letra maiúscula; as categorias criadas para este trabalho aparecerão apenas em negrito, com a primeira letra em minúscula. Os recortes dos textos analisados aparecem em fonte 10 sem recuo.

### 4 O POBRE SEGUNDO A CUFA

Partindo de Bajoit (2006a), foi encontrado apenas um único exemplo do pobre como Explorado. Nas palavras de Bajoit (2006a), o pobre pode ser caracterizado desta forma quando é explorado pelas classes dominantes, usado, na verdade, com apenas uma engrenagem para a movimentação da economia e, desta forma, excluído do sistema econômico.

No exemplo, o seu trabalho, a sua mão de obra, não é apenas um tipo de trabalho, mas um tipo de escravidão. Portanto, não podemos confundir o pobre **Explorado** como o pobre **provedor de mão de obra, Dependente**.

Exemplo: Após 30 anos de cidade dormitório, Ceilândia inicia seu desenvolvimento a passos largos, grandes empreendimentos, novos reconhecimentos e um novo olhar para a cidade que antes era vista como o "caldeirão do Diabo", um barril de problemas e mazelas. Sim, amigos, este era o olhar dos que nos viam apenas como mão de obra ou como estatística criminal. / Ceilândia cresceu, assim como seus

---

<sup>1</sup> Enumerados de acordo com a data de publicação.

filhos, mas nem tudo ainda está superado. Ela faz parte de mais outras 29 regiões administrativas que, após 51 anos, 20 destes na ditadura militar e outros sendo avassaladas sem planejamento, amargam os retrocessos e os desafios (CUFA 03, 03-11).

Ceilândia, segundo Max Maciel (CUFA 03), era conhecida como “o ‘Caldeirão do Diabo’, um barril de problemas e mazelas”, todas apreciações negativas que visam a comparar o estado passado da cidade ao estado atual de outras localidades da região. A exemplo da cidade de Ceilândia, os habitantes foram descritos pelo representante da CUFA como os “que viam apenas como mão de obra ou como estatística criminal”. Além de **Dependente**, respeitando a classificação de Bajoit (2006a), para a Central Única das Favelas, os moradores da antiga Ceilândia e das atuais cidades da região são **Explorados**. Isso, aliado à falta de condições básicas para a manutenção da (qualidade de) vida – a exclusão social – faz com que a imagem criada para os que vivem em situação de pobreza seja, evidentemente, a de um grupo esquecido após a exploração pelo poder público e pelas demais instituições que dividem a parcela de culpa e responsabilidade para a manutenção/criação de uma sociedade justa.

Retomando Bajoit (2006b), pode-se afirmar que, ao criar um discurso como o de **CUFA 03**, o coordenador da organização no Distrito Federal procurou fazer com que os leitores do blog (ou mesmo consumidores deste discurso através de outro veículo ou mesmo outro texto) estabelecessem uma participação por *finalidade*. Em outras palavras, ao promover um discurso neste tom, a CUFA pode promover novas relações sociais, pois, ao se identificar como **Explorado**, o sujeito social pode aderir ao movimento ou, pelo menos, como posto, apoiá-lo.

A CUFA, discursivamente, também representa o pobre como **Dependente**. Isso ocorre pela própria realidade dos que vivem em situação de pobreza. A pobreza é mais do que falta de recursos, é falta de qualidade de vida, de acesso a serviços públicos de qualidade, falta de inclusão social mesmo que se more numa capital, falta de ser tratado como um cidadão igual aos demais mesmo estando em dia com as obrigações eleitorais, falta de amparo do governo e da sociedade civil organizada que, muitas vezes, tratam todos os que vivem numa condição de marginalização como invisíveis ou delinquentes. Vejamos, então, os exemplos mais expressivos do pobre como **Dependente** para a CUFA.

Em tese, a preocupação da CUFA é fazer com que os que vivem à margem dos grandes centros da sociedade tenham acesso aos serviços básicos para a manutenção da (qualidade de) vida, sem, claro, esquecer a cultura, uma vez que há incentivo ao *hip hop* e demais artes das ruas nos diversos núcleos e projetos culturais desta instituição não-governamental.

No excerto

Jader ressalta ainda que o curso mostrar-se-á como uma oportunidade única para os trinta jovens, que no momento encontram-se desempregados e sem qualificação para o mercado de trabalho, quando muitos deles já possuem a responsabilidade de sustentar filhos (CUFA 02, 13-14).

Os pobres aparecem como “desempregados e sem qualificação”, conseqüentemente, se eles não participam do processo econômico, ou seja, não têm participação na sociedade trabalhadora (mesmo apto ao trabalho), isso que faz dele **Dependente**, ou, mais especificamente, **desqualificado**.

Apresentar o pobre como **desqualificado** é pintá-lo como alguém que não pode sair da condição em que se encontra sozinho. Ao mesmo tempo, a CUFA se apresenta como salvadora, como aquela que, através de suas ações, pode salvar o pobre do mesmo

destino de seus antepassados através dos cursos de capacitação que oferece e através de oficinas culturais.

Portanto, para se apresentar como salvadora, a CUFA precisa pintar o pobre como dependente, como aparece no excerto a seguir.

A Villa Todavida se formou em um antigo lixão e hoje luta pelo seu direito à propriedade, procurando oficializar a escritura de moradia daqueles que ali se encontram. Os moradores se reúnem semanalmente para discutir, ir atrás desse sonho, legalizando sua situação e promovendo melhorias para suas vidas. Gerar, sem depender do poder público, mas contando com a colaboração dele, para alcançar todo o muito que falta pra chegar ao ideal de bem viver (CUFA 04, 18-24).

Neste trecho, é abordada a questão dos moradores que vivem, hoje, em um antigo lixão, mas que não esperam inertes ações dos governantes ou demais instituições para melhorar a vida, uma vez que, ao dizer que “Os moradores se reúnem”, a CUFA empresta uma imagem batalhadora e positiva ao pobre. Tem-se, então, o pobre como **batalhador**.

O DJ Fernando, que ensina jovens da periferia de Belém a sua profissão, afirma:

Acredito na importância de levar a cultura e o desenvolvimento social para os bairros periféricos, em especial onde estes direitos não são acessíveis. Direitos como, educação, esporte, lazer e cultura são negados pelo poder público, então temos que sempre tentar levar isso para a periferia de alguma forma, principalmente para as crianças e jovens que pela carência desses direitos acabam entrando em situações de risco (CUFA 01, 16-22).

Aqui, a imagem de **batalhador** não é negada, mas não é possível lutar sem armas, por isso, cursos profissionalizantes visam a mudar a realidade dos pobres que são **desqualificados**. A desqualificação, neste caso, contribui para a exclusão, ainda mais quando o poder público não cumpre a sua parte e não oferece “Direitos como, educação, esporte, lazer e cultura”, como denuncia o DJ Fernando.

A CUFA, como uma instituição criada por moradores de periferias, visa à melhoria da situação dos que vivem em condições precárias, portanto, dificilmente iria retratar o pobre através de uma imagem negativa. Mesmo quando diz que os que vivem na pobreza são **desqualificados**, a CUFA joga a responsabilidade dessa desqualificação para o poder público, que é quem deveria suprir as necessidades dos membros da nação, e, como isso não é feito de forma satisfatória pelos integrantes desta instituição, eles promovem, na medida do possível, cursos de qualificação para as pessoas **batalhadoras**, que precisam, apenas, de uma oportunidade.

Em **CUFA 02**, o coordenador da CUFA Riachão, Jader Moreira, ressalta a felicidade dos novos aprendizes, que não perderam a oportunidade de obter qualificação nesta área, estando (inclusive) ele mesmo integrando o grupo. Moreira ressalta ainda que o curso mostrar-se-á como uma “oportunidade única” para os trinta jovens que, no momento, encontram-se desempregados e sem qualificação para o mercado de trabalho, quando muitos deles já possuem a responsabilidade de sustentar filhos. Estes jovens são muito semelhantes aos jovens de **CUFA 01**, o que mostra que os moradores da periferia têm perfis muito próximos e, conseqüentemente, o mesmo rosto, independente da região em que vivem.

Neste cenário, aparece o pobre como **desfavorecido**, uma vez que o curso oferecido a eles é uma “oportunidade única”, o que indica que eles dificilmente têm acesso às mesmas oportunidades das camadas mais favorecidas. Esta classificação ressalta, também, a face salvadora da CUFA, sempre em voga. “Única” estabelece uma apreciação positiva à “oportunidade” oferecida pela CUFA. Assim, a exemplo do governo federal, esta organização social se apresenta, também, como salvadora, como

aquela que leva o instrumento único de ascensão social para os moradores da periferia, que, no caso, é do Maranhão, um dos estados mais pobres da federação.

Nesse mesmo contexto, os jovens são descritos, em **CUFA 02, 13-14**, como “desempregados e sem qualificação”, adjuntos que, de acordo com a Avaliatividade, criam um processo de *Atitude* e, no caso, emprestam uma imagem pejorativa aos que são assistidos pela organização não governamental – também aqui são entendidos como uma engrenagem da roldana econômica, já que devem ser qualificados para o “mercado de trabalho”. Aqui, são marcadas, claramente, três imagens que o pobre tem para a CUFA, são elas: o pobre **desqualificado**, o pobre **excluído** e o pobre **desfavorecido**.

A CUFA mostra-se como aquela que proporciona o curso, apresentado como “oportunidade única”. Em um processo de apreciação, a organização é postulada como excepcional, condição *sine qua non* para que o pobre deixe de ser “desempregado e sem qualificação”, o que pode ser percebido pela maneira como é explicitado no texto, ou seja, através de um processo de nominalização é apresentada a responsabilidade da ação de sustentar os filhos que muitos dos “desempregados e sem qualificação” têm. Dessa maneira, a CUFA, de acordo com seu discurso, promove benefícios não só para o indivíduo, mas para toda sua família.

Podemos pensar que, se os textos da CUFA chegarem a ser lidos por alguém na condição de **Dependente**, o pobre poderá procurar, quem sabe, a ajuda dessa organização e receber a assistência para a sua ascensão, como, por exemplo, aconteceu, segundo notícia do *blog* da CUFA do Maranhão, com os pobres que ingressaram numa de suas capacitações.

Em certa medida, o texto nos encaminha também para o entendimento de um pobre que tem capacidade de agir, de aproveitar as oportunidades que lhe são oferecidas, já que eles “não perderam a oportunidade” para se qualificar profissionalmente. A organização então se regozija com a “felicidade dos novos aprendizes que não perderam a oportunidade de obter qualificação” (**CUFA 02, 09-10**) e demonstra que a ação do jovem em se qualificar é necessária para que ele se insira no mercado de trabalho, uma vez que este jovem é **batalhador**.

É importante que percebamos que o enfoque utilizado aqui, embora a finalidade seja a conquista do emprego, está na qualificação profissional, o que nos leva ao entendimento de um discurso mais preocupado com o sujeito social, com o agente e a sua capacidade de se valorizar e se modificar para, em seguida, modificar o seu entorno. O mero oferecimento de um curso profissionalizante atende, por certo, ao mercado, mas o que se vê na ênfase aqui posta é um discurso voltado para o indivíduo, primeiramente, e apenas posteriormente para uma relação desse indivíduo com a (re)produção econômica e a geração de capital.

Este mesmo processo de construção de significação é utilizado em **CUFA 04**, que fala de um curso de DJ oferecido aos jovens da periferia do Pará, outro dos mais pobres estados brasileiros. É como se o poder público se eximisse de ir até este pobre **Dependente, desqualificado**, e a CUFA tomasse para si esta responsabilidade.

O abandono pelo poder público é uma tônica sempre resgatada pela CUFA. Ou melhor, não só o abandono pelo poder público é postulado pela CUFA, mas o abandono pelo poder privado. **CUFA 03** é uma crônica sobre o abandono de uma cidade satélite de Brasília: Ceilândia, escrita pelo coordenador estadual da CUFA do DF, já apresentada anteriormente, mas que merece ser analisado com afinco, pois permite a identificação de duas macrocategorias de Bajoit (2006a).

O texto tem início com uma narrativa que retoma a relação do coordenador com a cidade de Ceilândia através de uma contextualização histórica que evidencia a função inicial da cidade de abrigar os operários que construíram Brasília. Max Maciel,

coordenador da CUFA do DF, pontua suas observações visando ao desenvolvimento tardio da cidade nos últimos anos, que até então não tinha acompanhado o crescimento populacional, fazendo com que Ceilândia se constituísse como um nicho de pobreza e exclusão social.

Foi através de seu “trabalho social” – além dos trinta anos de sua residência na cidade – nos doze anos de acompanhamento em outras localidades próximas que Max Maciel pôde perceber que as cidades ao redor de Brasília não estão tendo o olhar necessário para o desenvolvimento, sem a presença de empresários e uma boa administração governamental. Dessa maneira, o texto atua como uma denúncia e tenta descrever como vivem os moradores de cidades próximas a Brasília.

Em caixa alta, que aumenta o *foco* da palavra, a violência é caracterizada como ‘INIBIDORA’ do desenvolvimento destas localidades, e situa, então, os papéis dos governos e dos empresários. Vejamos: “Ninguém quer investir em uma cidade violenta ou que dizem ser. Os empresários não investem; o poder público o faz pelas metades, e assim criam o que chamamos de exclusão social” (CUFA 03, 15-17).

Claramente, o pobre, em CUFA 03, é classificado como **excluído**. Ainda em CUFA 03, os empresários se eximem da responsabilidade social de contribuir para o desenvolvimento das cidades próximas a Ceilândia. De acordo com a Avaliatividade, há uma *negação* evidenciada pelo enunciador através de ‘não investe’, o que, na conjuntura montada, não se apresenta modalizado, sendo quase um ataque à iniciativa privada, o que retoma um discurso de base comunista sempre presente nesse tipo de organização. Isso, fundamentado em Bajoit (2006a), faz com que o pobre, o morador das cidades que sofre com a falta de investimento, seja caracterizado, dentro de **Dependente**, como **excluído** e **desfavorecido**.

Sobre o governo, o texto aponta que “o poder público faz pelas metades” (CUFA 03, I, 17), o que, através de uma expressão informal, destaca a incompetência e, principalmente, o descompromisso dos governantes em resolver problemas de uma cidade de periferia. Entretanto, como podemos perceber, o ataque ao governo é ponderado, diferente do direcionado aos empresários, o que revela, comprovado pela materialidade linguística, que o governo se preocupa com a região, mesmo que “pelas metades”, uma *apreciação negativa*, mas que evidencia o reconhecimento de uma ação, mesmo que não seja plena, e, mais uma vez, implicitamente tem-se o pobre como *dependente* de um governo que não faz o seu trabalho como deveria.

Ambos, iniciativa privada e poder público, são responsáveis pela manutenção da exclusão social, de acordo com a CUFA. Esta exclusão representa “a insatisfação, o mal-estar ressentido por todo ser humano que não consegue realizar aquilo que deseja e ambiciona para si próprio e para seus próximos” (ESTIVILL, 2006, p. 110), ou seja, o governo e os empresários são descritos como vilões.

Além dos empresários, a CUFA critica as ações do Governo Federal para amenizar o problema, que é comum a várias cidades brasileiras, vide CUFA 03, 19-26. O instrumento do governo que é alvo das críticas mais calorosas é o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES – criado em 2003, que tem por objetivo trabalhar junto à presidência da república “na formulação de políticas e diretrizes específicas, e apreciar propostas de políticas públicas, de reformas estruturais e de desenvolvimento econômico e social” (BRASIL, 2012b), e, para tanto, conta com a participação de várias entidades civis e se configura como projeto de longo prazo para o desenvolvimento da nação.

A CUFA, por sua vez, critica o CDES e clama por maior interação social, como ir às ruas. O questionamento é claro: não se pode agir apenas teoricamente, é preciso mais, é preciso ouvir o povo, é preciso elucidar por uma investigação direta e



pessoal as necessidades daqueles que precisam de um olhar mais preocupado para que possam, também, conseguir se desenvolver. Nesse contexto, retomando Bajoit (2006), a CUFA mostra, mais uma vez, um pobre **Dependente**, aquele que precisa de ajuda para sair de sua condição, e esta ajuda é tão iminente que os esforços não podem “esbarrar na burocracia”, num processo de engajamento de *contra-expectativa*.

Ainda sobre o CDES, a CUFA trata, novamente em letras maiúsculas, a “URMANIZAÇÃO” como elemento em maior enfoque pelo conselho do que a “Humanização”. O próprio fato de a primeira palavra estar em maior destaque – uma vez que a segunda tem apenas a primeira letra em maiúscula – já indica, segundo o *foco* que é atribuído pelo Max Maciel, a postura da Central Única das Favelas em relação ao que acredita ser uma preferência do governo e da sociedade civil, que compõe o conselho.

Nesse excerto, como já dito pela CUFA, a política para resolver esse problema deve ser mais ampla – com o *foco* acentuado, novamente, por letras garrafais. A acusação ao governo é que ele não propõe medidas práticas para as questões apresentadas, uma vez que política de governo, grosso modo, só visa a beneficiar o próprio governo, ainda mais numa república presidencialista eleitoral.

Em todo o discurso da CUFA, os pobres são retratados como capazes de mudar a sua realidade, são mostrados como **transformadores** de sua realidade social, como se comprova no trecho “Foram as guerreiras Leonice e Dona Diva que se dispuseram a fazer isso acontecer, se organizando sozinhas em única tarde” (CUFA 04, 7-9). “Guerreiras” é um julgamento positivo das senhoras Leonice e Diva, e é reforçado por “sozinhas”, ou seja, o pobre é **excluído**, mas não depende (por este excerto) de ninguém para modificar a sua realidade, pois é **batalhador** e **transformador**.

Como pudemos ver, os textos da CUFA fundamentam a ideia do pobre como **Dependente**, e, além disso, ela se apresenta como instituição que pode ajudá-lo a transpor as barreiras da pobreza, a transcender sua dependência do governo e das empresas privadas.

Abaixo, o quadro demonstrativo do pobre segundo a CUFA de acordo com a dissertação.



O pobre segundo a CUFA

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a CUFA, o pobre é **Explorado** ou **Dependente**. Isso se dá pela própria característica da CUFA, que foi criada objetivamente para melhorar ou ajudar a melhorar as condições de vida dos que vivem em condição de pobreza. Com isso, mostra que o pobre é pintado de forma positivas, pois, como vimos, os **desqualificados**, os **excluídos** e os **desfavorecidos** o são desta forma por culpa de outros, seja este outro o governo ou mesmo a iniciativa privada. A CUFA, como foi possível se notar, explora mais as várias facetas do pobre.

Quando a CUFA classifica o pobre como **Explorado**, retoma o discurso marxista e põe em voga a luta entre as classes sociais. Esse rosto, uma macrocategoria de Bajoit (2006a), aparece apenas no discurso da CUFA, e é explicado pelo fato de ser uma instituição social criada por moradores da periferia, um lugar bem propício para a realização deste tipo de discurso, o de luta, o de denúncia da exploração da classe dominada pela dominante.

Sem dúvidas, encontrar o pobre **Explorado** é muito significativo. No entanto, as subclassificações do pobre **Dependente** presentes no discurso da CUFA nos saltam aos olhos. A pesquisa conseguiu diferenciar cinco *rostos* subjacentes ao **Dependente**, e este fato nos ajuda a entender como a CUFA dissemina as significações sobre o pobre em seus discursos, que, como atingem inúmeras pessoas, podem contribuir para que a identidade dos que vivem em situação de pobreza seja modificada.

Para a CUFA, o pobre não é um coitado, é alguém que precisa de um mínimo de apoio para que possa, por méritos próprios, pode-se dizer, conseguir os seus próprios sustentos. Ao classificar o pobre como **desqualificado**, a CUFA livra a face do pobre pela sua condição, afinal, se tivesse uma profissão e oportunidades (não o tem, pois é **desfavorecido**), certamente não estaria na situação de penúria que se encontra. É tanto que, na tentativa de auxiliar este pobre a modificar a sua situação, a instituição CUFA oferece cursos profissionalizantes para os moradores da periferia, até mesmo porque a CUFA entende que o pobre é **batalhador**.

Falando em **batalhador**, fica claro, no discurso da CUFA, que a instituição se dedica a postular uma imagem positiva ao pobre. Além de eximi-lo da culpa pela sua condição, percebe-se nos textos analisados que a CUFA enfatiza o rosto **transformador** dos que vivem em situação de pobreza. Ora, a própria instituição foi fundada por jovens **batalhadores** que visavam à transformação da sua realidade e da realidade dos seus pares. Desta maneira, pintando o pobre como **batalhador** e **transformador**, a CUFA entrega aos que recebem o seu discurso, sobretudo ao pobre, uma identidade valorizada em nossa sociedade, e com isso aumenta a autoestima do pobre e melhora ou modifica a imagem que os não-pobres têm dos que vivem na pobreza, pois, se alguém tinha a imagem de um sujeito inerte, vê que ele busca a melhoria de sua vida, mesmo não tendo as oportunidades de todos, a mesma educação, a mesma qualidade de vida.

Assim, para a CUFA, o pobre é **excluído** por ser **desfavorecido**, o que o torna **desqualificado**. No entanto, é **batalhador** e conseguirá mudar a sua situação com o mínimo de apoio e, além de modificar a sua situação, este pobre é **transformador** e auxiliará a sua comunidade na ascensão, na busca pelo fim da exclusão social.

## REFERÊNCIAS

*BAJOIT, Guy.* Olhares sociológicos, rostos da pobreza e concepções do trabalho social. In: BALSAS, C. M.; BONETI, L. W.; Soulet, M. **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional.** Ijuí: Editora Unijuí, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Tudo Muda:** proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Ijuí: Editora Unijuí, 2006b.

BCB. Banco Central do Brasil. **Vozes da classe média.** Disponível em <[http://www.bcb.gov.br/secre/apres/alessandra\\_ninis\\_sae\\_pr.pdf](http://www.bcb.gov.br/secre/apres/alessandra_ninis_sae_pr.pdf) > Acesso em 12 de setembro de 2014

CHOULIARAKI, Lilie & FAIRCLOUGH, Norman. **DISCOURSE IN LATE MODERNITY.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CUFA PARÁ. **Jovens da cidade velha fazem oficina para DJ's.** In: <[http://cufapara.blogspot.com.br/2012/04/jovens-da-cidade-velha-fazem-oficina\\_17.html](http://cufapara.blogspot.com.br/2012/04/jovens-da-cidade-velha-fazem-oficina_17.html)> Publicado 17/04/2012, acesso 21 de junho de 2012 (CUFA 01).

CUFA. FREITAS, Cleo. **O curso de Auxiliar Administrativo promovido pela CUFA Riachão se estenderá até o mês de fevereiro.** In: <<http://cufariachao-ma.blogspot.com/2012/01/cufa-promove-curso-de-qualificacao.html> > Publicado em 16/01/2013, acesso em 07 de maio de 2012 (CUFA 02).

CUFA DF. MACIEL, Max. **O Desafio do Desenvolvimento do DF.** Coordenador da Central Única das Favelas do DF. Disponível em: <[http://www.cufadf.com.br/noticias\\_detalhes.asp?CodMateria=422](http://www.cufadf.com.br/noticias_detalhes.asp?CodMateria=422)>. Publicado em 13/06/12 (CUFA 03).

CUFA MT. **Villa Todavida promove cinema na rua todo sábado, no bairro de São João del Rey.** Disponível em: <<http://cufamatogrosso.wordpress.com/2012/06/21/villa-todavida-promove-cinema-na-rua-todo-sabado-em-sao-joao-del-rey/>> Acesso 30 de junho de 2012 (CUFA 04).

ESTIVILL, Jordi. A Face não Reconhecida da Sociedade. O Debate conceptual Sobre a Exclusão Social na Europa e na América Latina. In: BALSAS, C. M.; BONETI, L. W.; Soulet, M. **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional.** Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Traduzido por Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

\_\_\_\_\_. **Language and globalization.** New York: Routledge, 2006.

MAGALHÃES, M. Célia. A análise crítica do discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, M. Célia. (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 15-28.

PARAGUAÇU, L. **Correção: Classe média ganhou 37 milhões de pessoas em 10 anos.** Estadão. Caderno de Economia. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,correcao-classe-media-ganhou-37-milhoes-em-10-anos,127645e>> Acesso 11 de setembro de 2014.

PEDROSA, C. F. **ENTRE OS SUJEITOS E AS IDENTIDADES INDIVIDUAIS:** leitura crítica dos discursos (virtuais) a partir da Teoria Sistêmico- Funcional. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 –Anais do XVI CNLF, pág. 195 In: <[http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_1/018.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/018.pdf)> Acesso em 10 de novembro de 2012a

\_\_\_\_\_. **ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO:** caminhos de análises no campo da Análise Crítica do Discurso. In: <[http://ascd.com.br/Material%20para%20o%20site/Quem%20somos/Cleide/ASCD%20caminhos%20de%20an%C3%A1lises%20no%20campo%20da%20ACD%20\(1\).pdf](http://ascd.com.br/Material%20para%20o%20site/Quem%20somos/Cleide/ASCD%20caminhos%20de%20an%C3%A1lises%20no%20campo%20da%20ACD%20(1).pdf)> Publicado em 2012, acesso em 15 de dezembro de 2012b.

SAE. Secretaria de Assuntos Estratégicos. **A nova classe média.** Disponível em <[http://www.sae.gov.br/novaclassemedia/?page\\_id=58](http://www.sae.gov.br/novaclassemedia/?page_id=58)> Acesso em 12 de setembro de 2014b.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VIAN JR. Orlando. O sistema de Avaliatividade. In: \_\_\_\_\_; SOUZA, Anderson A.; ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa.** Estudos sistêmico-funcionais co base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 19-30.

WODAK, Ruth. De que trata el análisis crítico del discurso (ACD). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: \_\_\_\_\_; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona: Gedisa Editora, 2003, p. 17- 34.